

Entre Diários e Mapas: modos de apreensão das práticas juvenis¹

Daniela MATOS²

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, BA.

RESUMO

O principal objetivo desse trabalho é apresentar a proposição teórico-metodológica desenvolvida na tese de doutorado *Diários, Mapas e Mediações – comunicação, cultura e resistência da juventude periférica* que corresponde a um estudo de caráter analítico das práticas culturais de grupos juvenis, a partir das suas características articuladas tanto no produto quanto nas suas condições de produção. Propomos um arranjo procedimental articulado em dois momentos, com movimentos inversos, porém complementares. O primeiro, ancorado na análise das “mediações sociais” (MARTIN-BARBERO, 2001) e o segundo, com a confecção de um mapa-texto de inspiração *benjaminiana* a partir dos vetores-conceitos de lugar (SANTOS, 2006) e identificação (HALL, 2000; GRINSON, 2011).

PALAVRAS-CHAVE: juventude, mediações, lugar, identificação, Diários Criativos.

Introdução

O principal objetivo desse trabalho é apresentar a proposição teórico-metodológica desenvolvida no contexto da pesquisa que deu origem à tese de doutorado *Diários, Mapas e Mediações – comunicação, cultura e resistência da juventude periférica*. Essa tese buscou analisar o potencial resistente de práticas culturais-comunicativas empreendidas por jovens moradores de lugares periféricos, articulados em grupos de atuação comunitária.

O objeto empírico submetido à análise é formado por quatro (4) materiais expressivos denominados Diários Criativos, elaborados pelos grupos juvenis *Art'Periférica*, *Jovens Realistas do Cotidianos*, *Trama dos Artistas* e *Grupo Jovem Nova Geração*. Esses grupos tem formatos organizativos bastante diferente entre si, são formados por adolescentes e jovens entre 13 e 19 anos que declaram um pertencimento a lugares considerados periféricos na dinâmica da cidade de Salvador, são eles: Pernambués, Alto do Cabrito, Marechal Rondon e Cosme de Farias.

Os Diários são produções coletivas, realizadas a partir de um caderno de desenho em formato A3, foram elaborados a partir da proposta (articulada pela ONG CRIA – Centro de Referência Integral de Adolescentes) de que cada grupo realizasse um mapeamento

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Centro de Artes, Humanidades e Letras/URFB. Doutora em Comunicação - PPGCOM/UFMG, email: d.abreu.matos@gmail.com.

cultural com o objetivo de lançar um olhar investigativo sobre suas comunidades de atuação. Essa demanda foi sistematizada em seis (06) questões que foram anexadas nas contracapas dos cadernos. São elas: 1. Que mapas nossos pés traçam? ; 2. De que fonte nós bebemos? ; 3. O que me alimenta nesse bairro? ; 4. O que queremos olhar? ; 5. Que paisagens eu vejo nas minhas janelas? ; 6. Que pulga belisca a minha orelha?.

Como resultado da provocação, temos 63 páginas de caderno A3 que apresentam manuscritos, colagens, desenhos, aplicação de recortes, de objetos expressivos, etc. Os Diários são materiais expressivos que revelam um modo de escrita experimentado pelos jovens, em grupo, o qual apresenta a cidade e seus lugares a partir do uso de cada sujeito envolvido na confecção desse material. São escritos que se articulam com base na intenção principal de falar de si e da sua comunidade de pertença de um modo mais próprio, mais autoral.

Na nossa concepção os Diários são cartografias, no sentido proposto por Silva *et al* (2008), que contraria formas estatizantes e busca modos de apreensão da dinâmicas de uso do urbano. São exercícios de registrar a experiência de viver determinado contexto urbano, mas também são modos de alterá-lo a partir da sua crítica e da formulação de demandas. É um escrito que relata e provoca; do presente e do futuro, da vida vivida e do desejo. Um texto elaborado por aqueles “praticantes ordinários da cidade” (CERTEAU, 2011) que a atualizam no uso inesperado e indevido, além daqueles programados, que fazem dos espaços por onde circulam.

Diários Criativos: entre mediações e projeções cartográficas

A abordagem metodológica que propomos busca responder à necessidade de olhar as práticas culturais juvenis na relação com seu contexto sócio-histórico e identificar aquilo que escapa ao previsto, que propõe novos modos de compreensão do lugar desse sujeito (jovens de classes populares) nessa sociedade. O foco nos Diários Criativos busca reconhecer duas dimensões da atuação dos grupos de jovens: a das práticas empreendidas nas comunidades e narradas nos Diários e a da elaboração do texto em si mesmo, que resulta em um produto comunicacional, portanto, também em uma prática cultural.

Dessa forma, o desafio está na construção de um desenho metodológico que corresponda à intenção do estudo das práticas culturais a partir das suas características intrínsecas, enquanto um produto, em conexão com o contexto. Acreditamos que somente com essa articulação seremos capazes de chegar ao desafio maior proposto na Tese:

identificar o potencial resistente de práticas culturais-comunicativas realizadas por grupos juvenis. Importante destacar a concepção conjuntural do conceito de resistência que norteia esse estudo, a de captar a resistência no momento de sua ação sintetizada na provocação de Didi-Huberman: “para conhecer os vaga-lumes é preciso observá-los no presente de sua sobrevivência: é preciso vê-los dançar vivos no meio da noite, ainda que essa noite seja varrida por alguns ferozes projetores” (2011, p. 52).

Para o alcance desse objetivo propomos um arranjo procedimental articulado em dois momentos, com movimentos inversos, porém complementares. Em ambos a relação de tensionamento é a linha mestra do empreendimento analítico. O primeiro momento desloca-se do texto para o contexto na medida em que busca reconhecer, a partir das marcas deixadas no próprio texto, o processo de produção de cada Diário, levando em conta a identificação das principais “mediações sociais” (MARTIN-BARBERO, 2001) vivenciadas pelos seus produtores.

A importância de compreender o emaranhando de forças sociais que compõe a situação contextual de produção dos Diários Criativos, tendo como aporte teórico-metodológico o mapa das mediações de Jesus Martín-Barbero nos permite localizar esse material expressivo enquanto uma leitura-texto produzida pelos grupos, um modo de inserção social desse sujeitos.

A proposição que desloca o debate no campo da comunicação, de um olhar instrumental para a atenção ao uso social dos meios, argumenta a importância do olhar para as práticas comunicativas inseridas nos seus contextos sócio-históricos e, somente dessa forma, serem capazes de atribuir-lhes sentido.

Para a operacionalização da nossa proposição, acionaremos o mapa das mediações – “um mapa que sirva para questionar as mesmas coisas – dominação, produção e trabalho –, mas a partir do outro lado: as brechas, o consumo, o prazer” (MARTIN-BARBERO, 2001, p. 300)– com atenção especial ao processo de identificação das diversas dimensões de Institucionalidade, Socialidade, Tecnicidade e Ritualidade que conformam cada contexto de produção do material. Esses aspectos constroem a dimensão comunicativa dos Diários.

Entender o jogo atual da mediação pressupõe como ponto de partida abandonar a idéia de que mediações vêm só de meio e são de certa maneira sua extensão. Estou entendendo mediações como processos estruturantes que provêm de diversas fontes, incidindo nos processos de comunicação e formando as interações comunicativas dos atores sociais (OROZCO GOMES, 2006, p. 88).

O entendimento apresentado por Orozco Gomes da força estruturante das mediações e da sua incidência nos processos comunicacionais fortalece a nossa proposta metodológica de identificar forças sociais que impactam de forma significativa o contexto sócio-histórico de produção dos Diários e, portanto, de atuação dos grupos juvenis. Perspectiva que também ratifica a possibilidade, aqui apresentada, de identificação dos regimes de socialidade, institucionalidade, tecnicidade e ritualidade operantes no contexto, tendo como referência as marcas deixadas no próprio material expressivo. Prática que se configura enquanto uma característica importante dessa proposição metodológica: olhar o contexto a partir do produto, considerando que essa relação é codeterminada de tal forma que permite um deslizamento analítico texto-contexto.

O segundo movimento vai do contexto para o texto na medida em que busca posicionar os modos de ser jovem e morador de espaços periféricos da cidade formulados pelos autores dos Diários em relação a outras discursividades, outros lugares de fala, com significativa presença no contexto social. Para empreender essa articulação e ser capaz de identificar os deslocamentos e as negociações operadas entre diferentes conjuntos discursivos propomos a confecção de um mapa-texto como uma forma de localizar, posicionar, a escrita desses jovens. Essa “projeção cartográfica” (SILVA et. al, 2008) ganha operacionalidade a partir de dois conceitos: o de lugar (SANTOS, 2006) e o de identificação (HALL, 2000; GRIMSON, 2011), conforme perspectivas que serão apresentadas nas próximas seções.

A elaboração do modelo que identificamos como mapa-texto tem uma significativa inspiração benjaminiana e dialoga com o modo de escrita da cidade empreendido pelo autor alemão – filósofo, escritor, crítico e jornalista – nos seus escritos de caráter literário. Acionaremos, em especial, textos que compõem a sua obra *Rua de Mão Única*³, que são referências de um tipo de produção na qual ele exercita a escrita da cidade a partir da junção de fragmentos resultantes das suas experiências com o espaço urbano. Segundo Wille Bolle, um dos seus comentadores no Brasil, *Rua de Mão Única*⁴,

Trata-se de uma representação da metrópole moderna, assim como ela se ergue diariamente diante dos seus habitantes uma imensa aglomeração de

³A primeira publicação, no original *Einbahnstrasse*, data de 1928 e foi feita pela editora Ernst Rowohlt. A primeira tradução brasileira é de 1986, publicada pela editora brasiliense como parte integrante do volume II de “Walter Benjamin - Obras Escolhidas”.

⁴Wille Bolle apresenta uma crítica à forma com que o título do livro *Einbahnstrasse* foi traduzido, *Rua de Mão Única*, e popularizado no Brasil. Para esse autor a tradução mais adequada é *Contramão*, “(...) por ser mais sintética, mais usual e por reproduzir o *gestus* do autor de fazer a leitura da escrita da cidade a contrapelo” (BOLLE, 1994, p.272). No entanto, nesse trabalho optamos por *Rua de Mão Única*, tanto por ser o uso mais reconhecido no Brasil quanto pelos nossos aprendizados iniciais no idioma alemão.

textos: placas de trânsito, outdoors, sinais, letreiros, tabuletas, informações, anúncios, cartazes, folhetos, manchetes, luminosos – uma gigantesca constelação de escrita (BOLLE, 1994, p. 273).

Essa “aglomeração de textos” a qual se refere Bolle ou a “nuvens de gafanhotos de escritura”, construção do próprio Benjamin (2011, p. 25), são marcas de um modo de entender a cidade a partir da multiplicidade de estímulos em forma de escritos com os quais o habitante do espaço urbano se vê obrigado a lidar. Segundo essa perspectiva, a imersão no espaço urbano e nas suas escrituras produz naquele que vive a cidade um tipo de experiência que conduz a novos escritos como forma de partilhar o vivido e deixar a marca do sujeito no espaço. Para Walter Benjamin uma forma interessante de expressar essa necessidade é o modo fragmentário identificado como “imagens de pensamento”, textos que se assemelham aos fluxos do instante, escritos em ritmo que procura aproximar-se do modo como as sensações e sentidos surgem no caminhar pelas ruas das cidades.

A imagem de pensamento enquanto fragmento urbano registra a experiência da metrópole, o aparelho gigantesco da vida social, a escrita da cidade. Ela é antagonista do escritor, questionando sua formação e seus projetos, e ameaçando sua organização de experiência e memória (BOLLE, 1994, p. 296).

Essa relação da experiência urbana com a escrita é retomada de variadas maneiras na reflexão de W. Benjamin. Em um dos seus fragmentos, “Porcelanas da China”, o autor faz uma analogia do seu conceito de texto a uma estrada, o que nos leva a uma metáfora do ato de escrever como um movimento de abertura de novos caminhos, um processo de novas descobertas internas relacionadas ao íntimo de cada sujeito. O texto, assim como uma estrada, nos oferece caminhos e permite explorar o território.

Interessante perceber, nessa construção metafórica entre estrada e texto, a distinção que o autor propõe entre aquele que caminha na estrada e aquele que a sobrevoa, e entre aquele que lê o texto e aquele que interfere⁵ nele.

A força da estrada do campo é uma se alguém anda por ela, outra se a sobrevoa de avião. Assim também é a força de um texto, uma se alguém o lê, outra se alguém o transcreve. Quem voa vê apenas como a estrada se insinua através da paisagem, e, para ele, ela se desenrola segundo as mesmas leis do terreno em torno. Somente quem anda pela estrada experimenta algo do seu domínio e de como, daquela mesma região que, para o que voa, é apenas a planície desenrolada, ela faz sair, a

⁵ A ideia usada pelo autor – disponível na tradução em português – é referente ao ato de transcrição ou cópia de obras literárias, técnica usada em longo período na história da humanidade como forma de guarda e transmissão de formas culturais. Em *Fisiognomia da Metrópole Moderna*, Wille Bolle esclarece que “Evidentemente, não se trata de um copiar mecânico, mas de um ritual de atenção. Só a ele se revelam os múltiplos sentidos e as perspectivas ocultas do texto” (Bolle, 1994, p. 305). Por isso, propomos o uso do termo interferir, por considerar que dialoga com o sentido original.

seu comando, a cada uma de suas voltas, distâncias, belvederes, clareiras, perspectivas, assim como o chamado do comandante faz sair soldados da fila (BENJAMIN, 2011, p. 14).

Essa observação reforça a semelhança entre o explorar o espaço e a produção de escritos, para ambas as situações o mais fértil é a proximidade, é a experiência de caminhar, usar, transpirar e não a do olhar externo, aéreo e despreocupado. Traçar caminhos na cidade, assim como escrever textos, exige corporeidade e presença daquele que se propõe a fazê-lo.

Na nossa proposição, o mapa-texto também é confeccionado a partir da reunião de fragmentos da vida urbana, contudo, estes têm origens discursivas diversas. Não são fragmentos elaborados pelo mesmo sujeito-autor – como as imagens de pensamento *benjaminianas* –, mas são coletados e organizados pelo mesmo sujeito-mapeador – nesse caso, o pesquisador/analista do trabalho – que passa a ser então o autor de um mapa-texto montado com base em diversos fragmentos coletados em espaços físicos e virtuais relacionados à cidade aqui observada.

Entre muitas possibilidades de montar esse mapa-texto propomos três tipos de fragmentos textuais contemporâneos para compor o nosso mosaico de escrita do urbano: textos oficiais; midiático-massivos e locais. Acreditamos que essa escolha dá conta de uma pluralidade razoável de olhares, agregando narrativas de sujeitos com diferentes inserções e posições de poder na estrutura formal da sociedade.

Importante destacar que nessa montagem os fragmentos são peças em articulação que não obedecem a nenhum tipo de hierarquia social que credita um texto ou outro como mais verdadeiro, mais correto, mais real. Postulamos que essa composição, em um arranjo não simétrico, será capaz de oferecer sentidos, ainda que efêmeros e transitórios, para a compreensão dos lugares, espaços vividos, de atuação dos jovens e seus processos de subjetivação, identificação.

Os textos oficiais têm origem nas narrativas do Poder Público, seja da Prefeitura Municipal de Salvador, seja do Governo do Estado da Bahia; os textos locais são aqueles resultantes da voz de pessoas “comuns”, no caso dessa pesquisa de jovens que articulados em grupos produziram um material expressivo identificado como Diários Criativos; já os textos midiático-massivos são aqueles publicados em veículos de comunicação de ampla disseminação e alcance.

Análise dos contextos de produção sob a ótica das mediações sociais.

Para a compreensão do contexto e do modo como cada Diário Criativo, entendido enquanto um produto comunicacional, relaciona-se com o primeiro acionaremos a concepção de mediação social formulada por Jésus-Martin Barbero (2001). O mapa das mediações corresponde a uma tentativa de complexificar os processos culturais, afastando-se de lógicas maniqueístas que facilmente os localizam enquanto práticas hegemônicas ou subalternas, reconhecendo a diversidade de forças que o perpassam e, portanto, constituem tais processos.

Segundo Itania Gomes (2011) essa preocupação de Martin-Barbero com a diversidade de forças históricas se expressa na atenção às temporalidades e é um diálogo direto com as tipologias de Raymond Willians a respeito das formações culturais – dominante, residual e emergente. Está relacionada a uma inquietude com as dimensões históricas do processo comunicacional, o que podemos entender enquanto uma preocupação com a complexidade das relações que se estabelecem na sociedade, a partir da percepção dos seus vínculos, das suas articulações, do seu caráter histórico e político.

O emaranhamento de que está feito o residual, a trama nele do que pressiona por trás e o que refreia, do que trabalha pela dominação e o que, resistindo a ela, se articula secretamente com o emergente, nos proporciona a imagem metodológica mais aberta e precisa que temos até hoje. É um programa que não é só de investigação, mas de política cultural (MARTIN-BARBERO, 2001, p.123).

E é exatamente a partir dessa preocupação com a dimensão contextual e com as diversas forças que a atravessam e do entendimento da indissociabilidade entre comunicação, política e cultura que a análise, possibilitada pelo uso do mapa das mediações como ferramenta teórico-metodológica, se aproxima da nossa proposição. Esse modelo será útil para a inserção dos Diários Criativos na trama de mediações sociais que o constitui e, com isso, possibilitar uma análise da sua dimensão comunicativa.

Enquanto textos, os Diários Criativos são exercícios de escrita. São formas culturais que, em sintonia com a fragmentação e a aceleração que caracterizam o ambiente contemporâneo e, especialmente, o cotidiano dos jovens, se aproximam de um modo *bricoleur* de compor, uma reunião de vários elementos de origens e ordens distintas. As 63 páginas dos quatro cadernos de desenho são compostas por manuscritos de autoria dos jovens, manuscritos que são cópias de outras fontes, desenhos, recortes de jornais e revistas, imagens fotográficas, grafites, colagem de materiais diversos, enfim, uma grande multiplicidade de material coletado e articulado por um sujeito-autor coletivo, o grupo.

Essa diversidade de material usado pelos jovens para elaborar os seus Diários reforça o sentido, destacado por Jacques Rancière (1995), da escrita enquanto uma operação política de constituição estética de uma comunidade. O escrito revelado ao outro, posto em visibilidade, traz um projeto de algo em comum, uma possibilidade de partilha. “E a escrita é, indissolúvelmente, duas coisas em uma: é o regime errante da letra órfã cuja legitimidade nenhum pai garante, mas é também a própria textura da lei, a inscrição imutável do que a comunidade tem em comum” (RANCIÈRE, 1995, p. 9). Concepção que contribui para uma análise do Diário como um produto acabado, portanto, algo que se descola do seu autor e ganha autonomia sob a forma cultural, e, também, como produto que revela suas marcas de contexto, inclusive dialogando com ele ao propor essa noção de pôr em comum, do comunitário.

O caráter político, destacado pelo autor, é uma consideração importante e vai nos ajudar a compreender como a escrita dos jovens, materializada nos Diários, pode ser uma forma de contrapor, ou desorganizar, aquilo que ele identifica por “palavra soberana”, (p.8) que podemos entender como as forças discursivas de caráter hegemônico. “A escrita é política porque traça, e significa, uma re-divisão entre as posições dos corpos, sejam eles quais forem, e o poder da palavra soberana, porque opera uma re-divisão entre a ordem do discurso e das condições” (RANCIÈRE, 1995, p.9).

A incorporação da perspectiva desse filósofo francês oferece a possibilidade metodológica de identificar tanto aqueles movimentos mais explícitos e objetivos, da ordem do dizível, quanto aqueles mais relacionados à ordem do sensível, que explicitam uma demanda por transformação do estado de coisas. O texto dos jovens ao ser disponibilizado junto ao sistema de escritos que compõe a dinâmica de determinada sociedade opera uma visibilização de um mundo antes invisível, não dito, e, nas contribuições mais sutis, provoca o aparecimento daquela escrita, e do que ela provoca em termos de constituição de uma comunidade e de uma nova organização do sensível.

Os Diários Criativos trazem para o âmbito do visível duas construções principais: aquela que propõe marcas de lugar, de constituição de um território vivido; e aquela que diz sobre própria constituição dos sujeitos enquanto sujeito jovem. Essa percepção nos levou a acionar dois conceitos – lugar e identificação – como operadores para orientar a configuração do mapa que propomos desenhar a partir da leitura e análise do material expressivo/ corpus empírico da pesquisa.

O lugar nos Diários Criativos

O conceito de lugar com o qual procuramos estabelecer um diálogo e que auxilia na configuração desse referencial teórico-metodológico tem espaço privilegiado no pensamento do geógrafo Milton Santos. Nessa tradição, lugar é compreendido enquanto uma construção dos sujeitos, como resultado de uma ação de produção de conhecimento por aqueles que experimentam determinado espaço, mas também sob a forma de instância mediadora entre o indivíduo e o mundo.

A ideia de que a aproximação dos mundos e dos espaços pelo desenvolvimento, em larga escala, dos meios técnicos e informacionais levaria o indivíduo a uma perda do sentido de pertença a um lugar foi desde o início criticada por pensadores ligados a uma geografia da espaço, sob a perspectiva da ação do homem.⁶ É bastante comum na produção teórica contemporânea a noção de um retorno ao território ou de reterritorialização em uma direção crítica à tendência, mais evidente entre as décadas de 80 e 90 do século XX, de argumentação em torno do movimento de desterritorialização, característico dos processos de globalização.

Na verdade, a globalização faz também redescobrir a corporeidade. O mundo da fluidez, a vertigem da velocidade, a frequência dos deslocamentos e a banalidade do movimento e das alusões a lugares e a coisas distantes, revelam, por contraste, no ser humano, o corpo como uma certeza materialmente sensível, diante de um universo difícil de apreender (SANTOS, 2006, p. 212).

Partindo dessa perspectiva que relaciona o corpo no espaço e buscando um afastamento de concepções estatizantes e fixas que conectam os sujeitos aos territórios de forma imobilizadora, acreditamos chegar a uma concepção que caracteriza os movimentos ligados ao lugar a partir da sua potencialidade enquanto ações políticas transformadoras, considerando-as como chave para o alcance de mudanças em escalas maiores.

Por enquanto, o lugar – não importa sua dimensão – é a sede dessa resistência da sociedade civil, mas nada impede que aprendamos as formas de estender essa resistência às escalas mais altas. Para isso, é indispensável insistir na necessidade de conhecimento sistemático da realidade, mediante o tratamento analítico desse seu aspecto fundamental que é o território (o território usado, o uso do território) (SANTOS, 1998, p.19).

Uma dimensão importante da força do lugar na configuração desse papel político, chamada em causa por Santos, é a possibilidade do tecimento de relações de vizinhança.

⁶ Esse debate pode ser aprofundado no livro: SANTOS, Milton (org). Território – Globalização e Fragmentação. Hucite: São Paulo, 1998. O livro é resultado de um Seminário de mesmo nome realizado na Universidade de São Paulo em 1993. Nele encontramos um intenso debate entre o poder da ação globalizante, fragmentária e uma reconceitualização do território a partir dessas mesmas dinâmicas.

São tramas “densas” que se estabelecem a partir do compartilhamento de espaços e situações que, na perspectiva do autor, são potencializadas em contextos periféricos nos quais a necessidade dessa comunhão passar a ser maior, porque se relaciona às condições de sobrevivência dos sujeitos.

Desse modo, acreditamos que a noção de lugar, acionada enquanto operador analítico, nos ajuda a reconhecer o processo empreendido pelos jovens na construção dessa coesão social a partir das relações de vizinhança. No texto dos Diários, duas dimensões dessa produção do espaço urbano se revelam: a narração das práticas dos grupos juvenis realizadas no âmbito territorial da comunidade e o investimento em compartilhar um "falar sobre" seu bairro/sua comunidade a partir da negociação com outros textos.

Essas duas dimensões produzem um texto que está ligado aos seus lugares de referência não porque o descrevem, mas porque o constituem. Na concepção que nos oferece o geógrafo Ângelo Serpa, ao estudar as relações entre lugar e mídia, “o espaço urbano também se produz a partir do discurso (...)” (2011, p.16). Esse discurso pode ser tanto aquele formulado por dispositivos de enunciação com alto grau de institucionalização quanto aqueles formulado por grupos/articulações juvenis de caráter não institucionalizados.

Outras aproximações podem ser identificadas na perspectiva crítica e no reconhecimento das brechas e dos espaços intervalares como *locus* de possibilidade de uma ação transformadora, exercida principalmente pelas classes populares. Concepção que, na nossa perspectiva, oferece a possibilidade do surgimento de textos com as características dos Diários Criativos. Um texto que narra, descreve, cria, demanda, provoca e, portanto, constrói um lugar e um sujeito de um modo próprio.

A forma como os jovens empreendem a construção do material expressivo que acionamos nessa pesquisa se aproxima de uma experiência cartográfica, no sentido proposto por Silva e demais pesquisadores (2008). Trata-se de uma maneira de organizar o conhecimento sobre o espaço, “uma configuração imaginária” (p.2), que privilegia determinados elementos e, por isso, expressa relações de poder.

Um ponto de partida importante dessa articulação é a perspectiva crítica a uma tendência, hegemônica desde o século XIX, que os produtos cartográficos – mapas, gráficos, plantas, projetos – têm de desconsiderar as dinâmicas sociais presentes nos espaços então representados. Diante disso, esse grupo de pesquisadores aposta numa

alternativa para proceder a uma narração da cidade, do espaço urbano, que a revele em sua diversidade e em seu movimento.

Nossa proposta é sublinhar estes aspectos e, no mesmo movimento, contrariar a visão essencialista e totalizadora do mundo buscando processos de enunciação do cotidiano da cidade e suas dinâmicas. Colocando em relevo as contradições que emergem das articulações estabelecidas entre o oficial e o extra-oficial, das negociações e das formas de uso e ocupação do espaço, o que se pretende é observar a diversidade de sentidos produzidos e em produção no espaço e ampliar a legibilidade, tornando visíveis lugares localizados à margem dos processos culturais, sociais e políticos hegemônicos (SILVA *et al*, 2008, p.2).

Essas proposições nos aproximam duplamente. Em primeiro lugar porque nos oferecem condições de compreender o Diário Criativo enquanto um produto cartográfico, que na sua diversidade oferece ao leitor uma produção de conhecimento sobre determinado espaço urbano. E também porque explicitam a possibilidade de reconhecer esses Diários como um ponto de vista, a partir da articulação de determinados elementos e não outros. É um texto e um mapa, portanto um mapa-texto com o objetivo de localizar e, assim sendo, tornar visível lugares, práticas e sujeitos.

A segunda identificação está na forma de inserção do pesquisador no seu campo de estudos. Ao se incluir no processo, o pesquisador tenta operar num movimento semelhante ao dele, de modo que sua intervenção metodológica esteja de acordo com as premissas teóricas da investigação. Se no projeto *Cartografias de Sentido* a concepção da ferramenta “dispositivos de memória” (2008, p.3) foi o modo encontrado de narrar a cidade sem perder sua diversidade, na nossa pesquisa o procedimento proposto para dialogar diretamente com o fazer dos grupos juvenis na cidade é a elaboração de um grande mapa-texto que, assim como os Diários Criativos, tenta visibilizar a atuação de quatro grupos de jovens a partir da percepção de dinâmicas de negociação e tensionamento com outros textos.

As nossas combinações discursivas respondem a uma tentativa de articular um mapa-texto que tenha como centro gerador outro mapa-texto, os Diários, de modo a compreender a potência dessa produção cartográfica elaborada pelos jovens a partir das relações que tal produção estabelece com o seu contexto e com outras projeções que narram semelhantes conjuntos espaço-sujeito. Com isso, experimentamos, enquanto método, um modo de escrita da cidade o qual fundamenta a sua riqueza na junção de fragmentos, uma inspiração nas práticas propostas e implementadas por Walter Benjamin nas suas experiências urbanas.

Marcas de identificação, modos de pertencer

O segundo vetor de articulação do mapa-texto que propomos acionar diz respeito ao processo de identificação desses sujeitos com o marcador identitário “Jovem” e à articulação do sentido de pertencimento aos grupos de ação comunitária. Esse caminho será trilhado a partir de reflexões sobre a noção de identificação numa perspectiva que afirma o caráter transitório e ficcional desse processo sem desconsiderar os aspectos materiais envolvidos. A perspectiva é de compreender o tecimento dos sentidos de pertença empreendidos pelos jovens-autores dos Diários Criativos e de que forma ele se expressa narrativamente, a partir da escrita do texto coletivo aqui analisado.

Nessa perspectiva, a identificação é entendida enquanto um empreendimento sempre em construção, caracterizado por sua fluidez e dinâmica, em articulação com as condições da vida contemporânea que vêm, a cada dia, acelerando os fluxos, redefinindo fronteiras, incorporando novas práticas sociais e exigindo dos sujeitos relocalizações constantes e contínuas.

A identidade está relacionada, dessa forma, aos posicionamentos que os sujeitos assumem nos processos de identificação que vivenciam, e toma forma de narrativa ou texto identitário, funcionando, nas palavras de Hall (1996), como “pontos instáveis” formulados no interior dos discursos da cultura e da história. Marcas identitárias vão sendo acionadas para fazer e refazer sentidos de pertencimento a determinado grupo em determinado momento: ser jovem da periferia, ser integrante do Trama dos Arteiros ou um jovem realista do cotidiano, ser jovem e morador de Cosme de Farias. São sentidos que podem ser acionados e/ou descartados em cada formulação. Essas ações de incluir e excluir, que estão no centro dessa perspectiva identitária, são práticas essencialmente políticas e estão relacionadas às relações de poder que caracterizam a sociedade.

A perspectiva construcionista convoca para o debate um olhar mais detido sobre as formas culturais que resultam dos posicionamentos dos sujeitos. No nosso caso, o Diário Criativo enquanto narrativa identitária oferece posições, ainda que temporárias, as quais nos permitem : 1) uma aproximação dos sentidos acionados pelos autores quanto ao seu processo de identificação com o segmento jovem e 2) uma diferenciação quanto àqueles “outros” com os quais não se identificam – adultos, crianças, pais, mães, professores, etc.

Essa concepção de identidade coloca em jogo as relações de poder que se estabelecem entre o chamamento, ou interpelação, feito pelos discursos aos sujeitos e a sua capacidade de resistência e negociação com essa discursividade social.

Nesse embate produtivo entre o chamamento feito pelas estruturas de poder, disciplinares e reguladoras, e a ação dos sujeitos em responder ou não (ou ainda, de que forma responder) a elas encontramos a perspectiva identitária proposta pelos Estudos Culturais e acionada nesta investigação. “Em suma, o que fica é a exigência de se pensar essa relação do sujeito com as formações discursivas como uma articulação” (Hall, 2000, p. 126), como uma via de mão dupla, em permanente fluxo e codeterminação.

Nesse ponto queremos chamar atenção para a ideia de codeterminação. Esta implica um lugar de superação de uma possível dualidade entre um entendimento da constituição dos sujeitos a partir das estruturas ou completamente alheio a elas. Alejandro Grimson (2011), ao elaborar uma crítica às teorias das identidades, afirma que as melhores propostas para superar essa dicotomia objetivismo/subjetivismo têm sido desenvolvidas não como uma mescla das duas, e sim construídas a partir de uma “concepção superadora” (p. 31) capaz de recolocar o modo de relacionamento entre elas. Uma das contribuições do autor para essa mudança de perspectiva, para reelaborar a relação sujeito e estrutura, é a noção de “contextualidade radical”.

La noción de contextualidade radical permite advertir que no hay una relación ahistórica entre sujeto y estructura o, mejor dicho, que sujeto e procesos estructurantes y estructurados”. Lo que existe son situaciones en las cuales las relaciones entre los seres humanos que hacen La y las condicionalidades de “las circunstancias que no ha elegido” varían significativamente: no suficiente para creer que hay situaciones de sujetos sin estructuras o viceversa, pero si lo bastante para saber que hay circunstancias que parecen ser de ese modo (GRIMSON, 2011, p. 35).

Diante dessa perspectiva o processo de identificação operado pelos sujeitos está articulado indistintamente entre as condicionalidades escolhidas e aquelas não escolhidas, em tensionamento com aquilo que Alejandro Grinson identifica como configuração cultural. Esta noção busca associar as tramas e práticas culturais com fronteiras de significação, considerando a heterogeneidade de cada espaço específico sem desconsiderar os limites.

No percurso de investigação aqui apresentado esse processo de identificação, enquanto uma “construção que se usa”, está em permanente fluxo e será observado a partir das ações de sujeitos, jovens urbanos, materializadas em narrativa no Diário Criativo. A concepção que ancora a reflexão dialoga com a perspectiva de que “ las identificaciones no son idénticas a si mismas. Son prácticas e categorizaciones sociales, y como tales adquieren sentidos distintos en contextos diferentes” (GRIMSON, 2011, p. 249).

Na nossa proposição essas práticas significativas podem deixar “rastros resistentes” (BHABHA, 2001) e funcionar como uma “ação tática” (CERTEAU, 2011) que configura um lugar de posicionamento, re-invenção e resistência diante das discursividades sociais – entendidas como condicionalidades – com as quais se relacionam. Essa possibilidade depende do afastamento radical de qualquer concepção de grupo ancorada em distinções hierárquicas entre o nós e o outro, que considere a diferença a partir de valoração ou superioridade. É também preciso não ocultar as heterogeneidades e as relações de poder que perpassam a formação de qualquer coletivo.

Diante dessas condições torna-se possível pensarmos nos processos coletivos de identificação, em torno de algumas marcas identitárias, enquanto práticas que fortalecem o sujeito e permitem uma expressão contestadora diante de forças sociais articuladas hegemonicamente.

A abordagem teórico-metodológica aqui apresentada é consequência de uma perspectiva de interdependência da relação entre contexto de produção e objeto expressivo, manifestada aqui na opção pelo paradigma das mediações de Martín-Barbero e na análise interna dos Diários Criativos em tensionamento com outros textos a partir da configuração de um formato analítico que denominamos “mapa-texto”. Enquanto a primeira nos permitiu reconhecer as condições nas quais os grupos estavam inseridos durante o processo de confecção dos Diários, a segunda possibilitou uma imersão na escrita dos grupos a partir dos materiais expressivos, guiada pelos conceitos-chave de lugar e identificação.

Quando tratados isoladamente cada um desses aspectos tende a reduzir a importância do outro. Se o foco estiver na agência dos sujeitos, há uma tendência em restringir a força das mediações sociais no condicionamento das práticas sociais; por outro lado, se as mediações estão em primeiro plano na análise, há um risco de ofuscar o potencial inventivo de tais práticas. Diante disso, a nossa proposição é empreender uma análise de ambos os aspectos articuladamente.

Referências Bibliográficas

- BHABHA, Homi. **O local da cultura**, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- BENJAMIM, Walter. *Obra Escolhidas II - Rua de Mão Única*. 6ª reimpressão., São Paulo: Editora Brasiliense, 2011.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 17o. edição, Petrópolis: Vozes, 2011.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- GOMES, Itania. Gênero televisivo como categoria cultural: um lugar do centro do mapa das mediações de Jesús Martin-Barbero. *Revista FAMECOS*, v. 18, n.1, p. 111-130, 2011.
- GRIMSON, Alejandro. **Los límites de la cultura**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2011.
- HALL, Stuart. “Quem precisa de identidade” In: SILVA, Tomás Tadeu.(org). **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. Identidade Cultural e Diáspora. **Cidadania. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, no 24, Brasília: Iphan/MEC, p.68 - 75, 1996.
- OROZCO-GOMEZ, Guillermo. *Comunicação Social e Mudança Tecnológica: Um cenário de Múltiplos desordenamentos*. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Mídia**. Rio de Janeiro: Mauad,p. 81-117, 2006.
- RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da Escrita**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- ROCHA, Simone, MATOS, Daniela; SALVO, Fernanda; SOUTO, Mariana. Os estudos culturais e os entrelaçamentos entre comunicação e cultura: uma análise do filme *Cão sem dono*. **Revista Interin**, Curitiba, no. 9, p. 01 - 15, 2010.
- SERPA, Angelo. **Lugar e mídia**. São Paulo: Contexto, 2011.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. & SILVEIRA, M.. (orgs.). **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo, Hucitec, p. 11 – 20, 1998.
- _____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. edição. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006
- SILVA, Regina et. all. Dispositivo de memória e narrativas do espaço urbano: cartografias flutuantes no tempo e no espaço. *E-compós*, Brasília, Vol.11, n.1 , p. 1-17,jan/abril 2008.
- SILVA, Tomás Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomás Tadeu (org). **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, p. 73 - 102, 2000.